A questão da "tradução" no pensamento gramsciano

Claudio Reis[1]

"Tradução" como mediação-dialética entre nação-mundo

Como nenhuma história nacional está isolada do mundo – mas ao contrário, ela só é de fato nacional à medida que se insere no cenário mundial – é importante *relacionar* os acontecimentos surgidos fora de suas fronteiras com determinados movimentos sócio-históricos localizados internamente.

No caso da Itália, Gramsci busca efetivar essa tarefa por meio da "tradução" do acúmulo conquistado pelos movimentos progressistas de outros países para a sua nação. Isso para fazer frente à tradição anti-popular da península, incorporando elementos inovadores vindos de outros *espaços*, o que certamente dinamizaria as contradições nacionais, possibilitando assim a superação de antigas relações.

Sobre a "tradução", Gramsci a define numa carta de 1932 à Julia Schucht**,** dizendo que

> um tradutor qualificado deve ser capaz não só de traduzir literalmente, mas de traduzir os termos, inclusive conceituais, de uma determinada cultura nacional nos termos de uma outra cultura nacional, isto é, esse tipo de tradutor deve conhecer criticamente duas civilizações e ser capaz de fazer com que uma conheça a outra, servindo-se da linguagem historicamente determinada daquela civilização à qual fornece o material informativo. (Cartas do Cárcere, 2005, V2: 237-38)

Na verdade, quando ele formula a questão da tradutibilidade das linguagens filosófico-culturais parece dialogar com o problema das tradições nacionais no quadro da Internacional. Partindo de uma intervenção de "Lenin, segundo o qual 'não soubemos traduzir nas línguas européias a nossa língua'. Gramsci dá um sentido pré-político (lingüístico, cultural e filosófico) ao que, para Lenin, era um reconhecimento estritamente político..." (Buey, In: Coutinho, 2003: 31)

A "tradução" deveria ser vista como um trabalho fundamental para que uma *vida nacional* pudesse incorporar certas vitórias populares de outras partes do mundo. De modo geral, sobre esta questão, Gramsci revela uma sensível aproximação com Engels. Numa passagem do livro *As guerras camponesas na Alemanha*, esse vinculo do autor

---

[1] Doutorando em Ciências Sociais pelo IFCH/Unicamp e membro do Grupo de Pesquisa Marxismo e Teoria Política do Centro de Estudos Marxistas (Cemarx)

italiano ao pensamento engelsiano fica claro:

> ...também o movimento operário prático alemão nunca deve esquecer que se desenvolveu sobre os ombros do movimento inglês e francês, que teve a possibilidade de tirar o partido da experiência difícil daqueles, de evitar no presente os erros que então não tinha sido possível evitar na maioria dos casos. Onde estaríamos agora sem o precedente das trade-unions inglesas e da luta política dos operários franceses, sem esse impulso colossal dado em particular pela comuna de Paris? (Engels, 1975: 28)

Aqui o autor expõe a importância da *herança histórico-internacional* progressista para o movimento operário alemão frágil em termos de experiências "nacional-populares". Mesmo focando suas atenção ao internacionalismo, Engels ressalta a *relação* orgânica entre nação/mundo e a importância dela para o movimento comunista de um *espaço* nacional determinado. Em outras palavras, lança de modo concreto, ao interior da "filosofia da práxis", como pode ser efetivado um real internacionalismo, tendo em vista os acontecimentos nacionais.

Em Gramsci, essa questão será melhor trabalhada, pois para o autor italiano o internacionalismo deve fazer parte da "questão nacional". Essa é a lógica do seu raciocínio, ou seja, buscar forças para o movimento das classes subalternas italianas independentemente dos seus *espaços* nacionais. Até porque na Itália seria difícil tomar algum movimento histórico como exemplo de manifestação guiada pela unidade entre o nacional e o popular. Para o autor sardo, o "nacional-popular" deveria ser entendido como uma ordem de grandeza com a qual é necessário relacionar-se continuamente para não cair na abstração politicista, produzindo um novo cosmopolitismo. (Durante, 1999)

De fato, Gramsci parece entender como necessária a construção de uma "fenda" na *vida nacional* italiana que possibilitasse a penetração de forças revolucionárias, originárias de outras localidades do mundo. E o papel da "tradução", nesta tarefa, coloca-se como indispensável. O movimento comunista italiano deveria lutar para a entrada da *cultura* de caráter popular e comunista surgida no mundo.

Desde suas primeiras manifestações na militância política, Gramsci sentia a necessidade de colocar a *vida nacional* italiana no contexto das relações internacionais, pois dava maior amadurecimento para a luta do movimento operário, tirando-o do isolamento e do provincianismo.

Na verdade, a relação com as experiências mundiais deveria ser entendida pelas classes subalternas da península como parte de um amplo processo de aprendizado sócio-cultural, à medida que o conhecimento de outras construções populares e

progressistas possibilita o enriquecimento não apenas das consciências de classe e/ou de nacionalidade, mas também e, sobretudo, do sentimento de gênero humano.

Uma experiência bastante lembrada por Gramsci, no período pré-carcerário, no sentido da construção de uma cultura revolucionária, corresponde ao processo francês de ascensão ao poder político da classe burguesa, no século XVIII.

Do ponto de vista intelectual e moral, a expressão filosófica, caracterizada pelo Iluminismo, forneceu elementos indispensáveis para a condução do novo projeto social que estava sendo posto em prática. Fundamental para o auto-conhecimento da burguesia, o Iluminismo, antes mesmo da ação revolucionária, criou as principais bases programáticas para a sua consolidação cultural e política. Não sendo, como Gramsci afirma, em seu texto *Socialismo e cultura*, "um fenômeno de intelectualismo pedante e árido, similar ao que vemos diante de nossos olhos e que encontra sua maior manifestação nas universidades populares de baixo nível." (Escritos Políticos, 2004, V1: 59) Aqui, claro, é feita uma crítica do autor aos intelectuais de seu país, em sua opinião, desligados da realidade italiana.

O Iluminismo representou uma profunda revolução cultural na Europa,

> uma consciência unitária, uma internacional espiritual burguesa (...) que foi a melhor preparação para a sangrenta revolta que depois teve lugar na França (...) As baionetas dos exércitos de Napoleão encontravam o caminho já preparado por um exército invisível de livros, de opúsculos, que vinham de Paris como exames desde a primeira metade do século XVIII e que haviam preparado homens e instituições para a necessária renovação. (EP, 2004, V.1: 59-60)

Portanto, o movimento filosófico francês contribuiu para a burguesia se enxergar enquanto classe dirigente do processo em curso.

Todavia, essa cultura produzida pelos intelectuais iluministas, deveria assumir, na história recente, a forma do comunismo. Pautado sobre a crítica do mundo capitalista, o movimento operário deveria erguer, por meio da organização e da disciplina dos seus intelectuais, uma manifestação cultural própria, superando as inovações revolucionárias iniciadas pela burguesia. O proletariado italiano deveria se organizar em torno de uma ampla produção literária crítica, visando o conhecimento de si e dos demais operários. Desse modo, a interpretação de Gramsci sobre a cultura está intimamente ligada ao seu amplo projeto revolucionário.

O movimento operário italiano, unido aos seus intelectuais, deveria tomar como referência histórica experiências revolucionárias como a francesa, incorporando os

elementos culturais progressista, buscando ao mesmo tempo o auto-conhecimento histórico-nacional. Como se sabe, no momento da prisão o autor continuará se remontando aos franceses, seguindo os passos de Maquiavel, para recuperar a tradição de luta *popular-mundial*, isto é, a *herança histórico-internacional* progressista.

Para Gramsci, a "tradução" se colocava como indispensável para seus projetos nacionais, pois ela poderia determinar o sucesso dos "intelectuais orgânicos" das classes subalternas. A traducibilidade das linguagens significa, então, a capacidade de estabelecer uma rede de conexões e de relações de compreensão entre culturas diversas, saber ou não saber traduzir tornava decisivo para o novo tipo de intelectuais que Gramsci aspirava. (Jervolino, 2003)

"Traduzindo" a Rússia na Itália

Após Outubro de 1917, o principal exemplo de "tradução" a ser seguido vinha do processo revolucionário russo-soviético. De acordo com Gramsci, um dos elementos centrais para a vitória dos comunistas na Rússia, correspondia à negação das *interpretações* mecanicistas de *O capital* de Karl Marx. Como se sabe, a obra marxiana tinha se transformado, na Rússia, numa literatura da burguesia insatisfeita com o atraso feudal do país. No entanto, para os bolcheviques, o proletariado russo não necessitava esperar o amadurecimento das forças produtivas do país, ou mesmo o avanço do capitalismo no território, para tomar o poder político.

Os bolcheviques negaram tanto a visão oficial-burguesa quanto a mecanicista-socialista, buscando na dinâmica histórica toda a riqueza presente no pensamento do fundador da "filosofia da práxis". Neste sentido, fizeram duas revoluções: uma na sociedade russa e outra na forma de se ler e "traduzir" a obra de Marx. E foi justamente com o título *A revolução contra 'O capital'*, que Gramsci, em 1918, indagou: por que os revolucionários deveriam "esperar que a história da Inglaterra se repetisse na Rússia, que na Rússia se formasse uma burguesia, que a luta de classe fosse criada para que nascesse a consciência de classe e, finalmente, a catástrofe do mundo capitalista?" (EP, 2004, V.1: 128-29)

Na realidade, "Marx previu o previsível", não tinha como prever a Primeira Guerra Mundial e todos os seus desdobramentos para a Rússia. Não podia ver os seus impactos ao proletariado e ao camponês russos e, consequentemente, suas ações por meio de uma "vontade coletiva popular".

No centenário do nascimento de Marx, Gramsci argumenta, em 1918, no artigo *O nosso Marx*: “Marx não produziu uma doutrinazinha, não é um messias que nos legou uma série de parábolas impregnadas de imperativos categóricos, de normas indiscutíveis, absolutas, fora das categorias de tempo e de espaço.” (EP, 2004, V1: 160)

Portanto a Revolução de Outubro, que também pode ser entendida como uma *Revolução contra as interpretações mecanicistas* de *O capital* de Marx, foi um bom exemplo de como se deve “traduzir” criticamente, isto é, de como um projeto político-cultural revolucionário originado em outro *espaço* poderia ser incorporado pelos intelectuais e operários da Itália.

Todavia, além de uma referência a ser seguida sobre como se deve efetivar a “tradução”, a própria Revolução soviética passou a se colocar como um acontecimento que deveria ser “traduzido”. Justamente por isso, Gramsci buscou “traduzir a particularidade da revolução russa na particularidade da revolução italiana.” (Del Roio, 2003: 14)

Na Rússia, os operários enfrentaram tanto a *herança histórico-nacional* czarista quanto a *herança histórico-internacional* também conservadora do *capital*. Conseguiram transformar a guerra em revolução, o imperialismo em ditadura do proletariado, a obra de Marx em orientação prática para suas especificidades, etc. Por meio dos Soviets, o "popular" passou a participar ativamente na história do país. Em conseqüência, como expõe Gramsci, em seu artigo *Utopia* de 1918, “a vida política russa está orientada de tal modo que tende a coincidir com a vida moral, com o espírito universal da humanidade russa”, os indivíduos converteram-se em cidadãos ativos “nas decisões sobre os destinos de seu país.” (EP, 2004, V1: 208)

Ali se concretizou uma vontade coletiva popular capaz de alterar a *vida nacional* russa em todos os seus sentidos. Desde a economia até a filosofia, da cultura à política, da educação à disciplina do trabalho, etc. Praticamente todos os elementos dinamizadores da nação russa foram afetados com a tomada de poder dos operários e camponeses. Mesmo tendo como elemento essencial a construção de um novo tipo de Estado (os Soviets), as alterações guiadas pela Revolução de Outubro foram muito além do aspecto estatal.

Com Lenin à frente, os bolcheviques enfraqueceram a burguesia e as forças reacionárias de seu país e lançaram a palavra de ordem “todo poder aos soviets”. E mesmo inserido profundamente na realidade nacional da Rússia, o líder comunista não

restringiu a importância e o significado do movimento revolucionário de seu país às suas fronteiras. Em *A obra de Lenin*, também publicado em 1918, Gramsci afirma:

> Lenin se encontra entre os defensores mais entusiastas e convencidos do internacionalismo do movimento operário. Toda ação proletária deve estar subordinada ao internacionalismo e coordenada com ele; deve ser capaz de possuir o caráter internacionalista. Qualquer iniciativa que em qualquer momento, e ainda que seja transitoriamente, chegar a entrar em conflito com esse ideal supremo, tem que ser inexoravelmente combatida; porque todo desvio do caminho que leva diretamente ao triunfo do socialismo internacional, por pequena que seja é contrária aos interesses do proletariado... (Antologia, 1970: 52)

Portanto, de acordo com a leitura do autor italiano, Lenin era um importante exemplo a ser seguido pelos revolucionários das outras nações, inclusive da Itália, pois ele buscou, ao mesmo tempo, encontrar uma saída verdadeiramente nacional para os problemas russos, inserindo-os no amplo processo da luta internacional do proletariado.

Experiências do início do século XX, como a da Rússia e de outros países da Europa, como a da Alemanha, deveriam ser analisadas cuidadosamente para identificar os erros e os acertos do movimento comunista. Entretanto, o Partido Socialista, que era, antes da fundação do Partido Comunista Italiano, a principal organização dos trabalhadores, não demonstrava qualquer intenção em "traduzir" as experiências *internacional-populares* desencadeadas em outros países para a sociedade italiana.

A imprensa do partido deveria ser uma "tradutora" orgânica das classes revolucionárias, fazendo a *mediação-dialética* entre nação-mundo. As discussões ocorridas na III Internacional deveriam ser amplamente difundidas junto às classes trabalhadoras. Como diz em *Para uma renovação do Partido Socialista* de 1920, "Escritos de companheiros russos, indispensáveis para compreender a revolução bolchevique, foram traduzidos na Suíça, na Inglaterra, na Alemanha, mas são ignorados na Itália." (EP, 2004, V1: 358-59)

As experiências dos Soviets também não poderiam ficar desconhecidas entre os italianos, a cultura revolucionária e as práticas políticas externas tinham que ser "traduzidas" para o movimento revolucionário.

O PSI para se renovar deveria assumir a frente de um amplo processo educativo sobre as massas trabalhadoras, organizando-as e disciplinando-as para suas lutas contra as elites do país. De certo modo, Gramsci já apontava para a necessidade de se romper com o PSI e se fundar um outro partido. Era fundamental para os movimentos operário e camponês da Itália o apoio de seu partido, caso contrário, a tentativa de escrever uma

nova história nacional ficaria debilitada. Assim, “afastando-se da pretensa tradição nacional de esquerda italiana, Gramsci se aproxima das formulações do grupo dirigente bolchevique, particularmente de Lenin...” (Del Roio, 2003: 263)

Por sua vez, a imprensa burguesa tentou por todos os meios "traduzir", ou simplesmente *interpretar*, os acontecimentos russos de modo a preservar os seus interesses internos. Afirmavam ser os bolcheviques, criminosos, autoritários, etc, tudo na tentativa de barrar as influências revolucionárias entre os operários.

Com a ascensão do fascismo, a Revolução Russa passou a ser ainda mais denegrida na Itália. Gramsci, em algumas ocasiões, teve que sair em franca defesa dos bolcheviques. Como pôde ser visto em sua intervenção na Câmara dos Deputados, em 16 de maio de 1925.

Fica claro, então, que o tema da “tradução” está permeado por interesses de classe, ou seja, o processo de incorporação de uma cultura estrangeira deve ser entendido como uma luta política, uma forma de disputa ideológica entre os diversos grupos numa determinada sociedade.

Assim, a “tradução” da vitória dos bolcheviques ganhava uma importância central, pois demonstrava a existência de uma saída revolucionária para as crises geradas pelo imperialismo. Por meio dela, os comunistas poderiam se dispor de mais um elemento para combater a onda conservadora e reacionária presentes na vida nacional italiana.

A partir de 1921 quando se dá a fundação do Partido Comunista Italiano, Gramsci tinha como objetivo claro a permanência e o fortalecimento do movimento operário de seu país no cenário mundial. Os comunistas italianos não podiam se limitar em suas questões nacionais. Deveriam, ao contrário, combater de modo organizado toda e qualquer tentativa de lançar a classe operária ao provincianismo regional ou mesmo aos movimentos de cunho nacionalistas.

Levando tal postura às últimas conseqüências, Gramsci não vê qualquer objeção em interferir até mesmo nas questões internas da revolucionária Rússia. Num momento em que a disputa pelo poder do Estado soviético estava colocando em risco importantes conquistas políticas da Revolução, como por exemplo, a unidade partidária.

Frente a essa crise, Gramsci escreve uma carta ao Comitê Central do Partido Comunista (bolchevique) da União Soviética, em 1926, com o intuito de alertar seus membros do perigo, caso o grupo dirigente cindisse, para o movimento operário mundial.

Aqui é possível perceber como a dialética nação-mundo opera no pensamento gramsciano. Vejamos o que o autor diz: "...parece-nos que a atual atitude do bloco das oposição e a dureza das polêmicas do PCR exijam a intervenção dos partidos irmãos. Foi partindo desta precisa convicção que tomamos a decisão de lhes enviar esta carta." (EP, 2004, V2: 384-85) Ele sabia o quanto era importante, não apenas para os operários da Itália, mas de todo mundo, a coesão do movimento comunista soviético. Sabia que os conflitos internos do PC da União Soviética poderiam comprometer a organização do proletariado mundial. E neste sentido, como defensor do internacionalismo, buscava intervir nos problemas nacionais daquele grupo. Em outras palavras, "a carta de Gramsci relata com extrema clareza algumas idéias basilares de sua concepção do processo revolucionário e de sua ciência política, expondo de um outro ângulo o vínculo existente entre particular nacional e o geral internacional..." (Del Roio, 2003: 230)

Mesmo que sua carta não tenha se tornado um documento oficial aos bolcheviques, ficou clara a atenção dada por Gramsci aos problemas internacionais do movimento operário. Diz ele "queremos, como internacionalistas, cumprir nosso dever", ou seja, contribuir para a solução de uma questão nacional influente nas relações internacionais do mundo do trabalho.

Os impactos da crise do núcleo dirigente soviético poderiam fortalecer ainda mais o movimento conservador-burguês da Itália. Seus intelectuais, sua impressa, suas escolas, etc, teriam maior campo de manobra para argumentarem contra os revolucionários bolcheviques.

Outra conseqüência era que todos os esforços dos comunistas da península para "traduzir" a revolução socialista russa para as classes subalternas do seu país seriam dificultados. Assim, o que parecia ser uma saída poderia se transformar num problema. O movimento operário italiano não podia perder os referenciais de unidade e de conquistas vindos daquele *espaço* nacional. A luta interna pelo poder do Estado soviético não deveria comprometer a "tradução" da sua experiência histórica para as classes populares do mundo e assim também da Itália. Neste sentido, a responsabilidade dos soviéticos, frente ao restante do movimento operário mundial, era enorme.

Segundo Gramsci, ainda nesta carta de 1926, em paises sem liberdade de imprensa, não há como as classes trabalhadoras compreenderem o significado da disputa bolchevique. Suas palavras são as seguintes:

> ...paises onde não mais existe liberdade de reunião e onde a liberdade de imprensa foi completamente suprimida ou submetida a drásticas

> limitações, como na Itália (onde os tribunais apreenderam e proibiram a publicação de livros de Trotski, Lenin, Stalin, Zinoviev e ultimamente até mesmo do *Manifesto Comunista*) (...) Nestes países, as grandes massas não podem compreender as discussões que ocorrem no PC da URSS...(EP, 2004, V.2: 386)

Tal realidade contribuía para o fortalecimento da propaganda anti-comunista e anti-soviética difundida pelas elites italianas. O resultado poderia ser catastrófico para o movimento operário, já que isso significa mais uma vez o avanço das forças conservadoras, tão arraigadas na tradição histórica da península.

Aqui é interessante notar como a história de uma nação interage com outra. Entretanto, o que de fato chama atenção é como um *espaço* nacional considerado atrasado poderia contribuir para o avanço histórico de uma outra realidade nacional mais desenvolvida. A resposta pode assumir a seguinte afirmação: mesmo sendo a Itália mais avançada em relação à Rússia no desenvolvimento capitalista, o seu aspecto cultural ainda estava preso ao elitismo conservador e anti-popular.

Dentro da processualidade histórica, rica em contradições, o atraso da Rússia se transformou, após Outubro de 1917, na mais avançada experiência política, social e cultural, já realizada pelos trabalhadores de um país. Em conseqüência, esse processo revolucionário fez o marxismo e a cultura comunista em geral, ganharem um grau de universalização elevadíssimo. Em grande parte, claro, devido à compreensão de Lenin e dos bolcheviques sobre a realidade histórica entendida em termos de *possibilidades particulares* e não de modo determinístico-universal. E isso o autor italiano considerou fundamental, ou seja, para ele a universalidade da revolução russa "encontrava-se precisamente na sua capacidade de apreensão do particular, ou seja, que a revolução socialista internacional dependia da mais correta e profunda análise das particulares situações nacionais e populares." (Del Roio, 2003: 121)

Considerações

De fato, Gramsci se posiciona ao lado de Lenin, contrário ao economicismo e ao evolucionismo etapista da história. Para ele, a "Revolução contra *O Capital*" deveria ser uma postura teórico-prática permanente. Mesmo em sentido contrário, os dois mantinham o mesmo *método*: *entender a história universal em suas possibilidades particulares*. Então, se por um lado, Lenin "traduz" o Ocidente e as civilizações mais adiantadas do capitalismo – em forma de cultura comunista, a "filosofia da práxis" –

para o Oriente; Gramsci, por outro, busca o avanço histórico e político-cultural dos trabalhadores italianos via Rússia, mais atrasada quando comparada a muitos países europeus. Como se a referência para a cultura comunista tivesse ganhado uma nova orientação *espacial*, não mais o Ocidente, mas o Oriente. Assim, o que Lenin busca em Marx, Gramsci busca em Lenin.

Bibliografia

BUEY, F. F. "Gramsci no mundo de hoje", In: COUTINHO, Carlos Nelson (Org.) *Ler Gramsci, entender a realidade*, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasiliera, 2003.

DEL ROIO, M. *O raio e o prisma: Gramsci e a fórmula política da frente única (1919-26)*, Marília, 2003. Livre-Docência - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista.

DURANTE, L. *Gramsci e i pericoli del cosmopolitismo*, www.citinv.it/pubblicazini/critica_marxista, acessado em 12 de fevereiro de 1999.

ENGELS, F. *As guerras camponesas na Alemanha*, Lisboa: Ed. Presença, 1975.

GRAMSCI**,** A. *Escritos políticos*, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2004, 2Vs.

_____. *Cartas do cárcere*, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2005, V.2.

_____. *Antologia*, In: Sacristán, M. (Org.), México: Ed. Siglo XXI, 1970.

JERVOLINO, D. *Croce, Gentile e Gramsci sulla traduzione*, In: www.gramscitalia.it/html/testi.html, acessado em 11de dezembro de 2003.